

+ Revista
de Comunicação
Científica: RCC



ARTIGO

A ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA DE UMA
DOCENTE INDÍGENA BALATIPONÉ NOS
PROJETOS OLIMPÍADA/MOSTRA CIENTÍFICA E
MAIS CIÊNCIA NAS ESCOLAS DE MATO GROSSO

The pedagogical guidance of an indigenous Balatiponé teacher in the Olympics/Science Exhibition and More Science projects in schools in Mato Grosso

La orientación pedagógica de una profesora indígena Balatiponé en los proyectos Olimpiadas/Exposición de Ciencias y Más Ciencia en escuelas de Mato Grosso

Luciane Ipaqueri Quezo

Licenciada em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professora da Escola Estadual Integral Jula Paré do Povo Indígena Balatiponé no Município de Barra do Bugres. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGCII.
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2767-6494>
E-mail: lucianeipaqueriquezo@gmail.com

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

Pós-doutorado pela Universidade de Coimbra, Professora dos Programas de Pós Graduação em Geografia e Educação Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8733-8255>
E-mail: leal@unemat.br

Como citar este artigo:

QUEZO, Luciane Ipaqueri; Lisanil da Conceição Patrocínio. A orientação pedagógica de uma docente indígena balatiponé nos projetos Olimpíada/Mostra científica e Mais Ciência nas escolas de Mato Grosso. **Revista de Comunicação Científica** – RCC, maio/agosto., Vol. 6, n. 19, p. 59-69, 2025.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume 6, número 19 (2025)

ISSN 2525-670X

A ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA DE UMA DOCENTE INDÍGENA BALATIPONÉ NOS PROJETOS OLIMPÍADA/MOSTRA CIENTÍFICA E MAIS CIÊNCIA NAS ESCOLAS DE MATO GROSSO

The pedagogical guidance of an indigenous Balatiponé teacher in the Olympics/Science Exhibition and More Science projects in schools in Mato Grosso

La orientación pedagógica de una profesora indígena Balatiponé en los proyectos Olimpiadas/Exposición de Ciencias y Más Ciencia en escuelas de Mato Grosso

Resumo

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar dois projetos atualmente em desenvolvimento na Escola Estadual Indígena Jula Paré, instituição na qual atuo como orientadora pedagógica. Intenciona-se relatar e divulgar a experiência pedagógica adquirida ao longo de quase dois anos de atuação docente e de orientação educacional nessa unidade escolar indígena, destacando os aprendizados e contribuições decorrentes desse processo.

Palavras-chaves: Educação. Povo Balatiponé. Bolsista Júnior do CNPq.

Abstract

The overall objective of this paper is to present two projects currently underway at the Jula Paré State Indigenous School, where I work as a pedagogical advisor. The aim is to report and disseminate the pedagogical experience gained over nearly two years of teaching and providing educational guidance at this Indigenous school, highlighting the lessons learned and contributions resulting from this process.

Keywords: Education. Balatiponé People. CNPq Junior Scholarship.

Resumen

El objetivo general de este trabajo es presentar dos proyectos actualmente en marcha en la Escuela Estatal Indígena de Jula Paré, donde trabajo como asesora pedagógica. El objetivo es informar y difundir la experiencia pedagógica adquirida durante casi dos años de docencia y orientación educativa en esta escuela indígena, destacando las lecciones aprendidas y las contribuciones derivadas de este proceso.

Palabras clave: Educación. Pueblo Balatiponé. Beca Junior del CNPq.



Introdução

A Escola Estadual Indígena Jula Paré está localizada na Aldeia Umutina e funciona em tempo integral. Seu quadro de funcionários é composto integralmente por profissionais indígenas da etnia Balatiponé, pertencentes ao território indígena Umutina. A formação acadêmica dos docentes abrange diferentes níveis, incluindo graduação, pós-graduação, mestrado profissional e doutorado. A instituição oferece educação desde a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I – de responsabilidade do município de Barra do Bugres – até os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, sob responsabilidade do Estado de Mato Grosso.

Estudantes provenientes de outras aldeias próximas à Aldeia Umutina utilizam o transporte escolar (ônibus) para chegar à escola. As aulas têm início entre 7h15min e 7h30 min, com uma dinâmica conduzida diariamente por uma turma diferente. O horário das aulas no turno matutino é das 7h30 min às 11h30 min, enquanto, no período vespertino, as atividades ocorrem das 13h às 17h. Ao longo desses dois turnos, são ministrados os componentes curriculares da parte diversificada e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O programa Olimpíada/Mostra Científica visa ao aprimoramento das competências dos estudantes do Ensino Médio, com participação iniciada a partir do 1º ano e estendida até o 3º ano. Ao longo desse percurso, os alunos são incentivados ao desenvolvimento de habilidades essenciais, como interpretação, oralidade, escrita acadêmica, pesquisa e leitura. Tais competências são fundamentais tanto para suas trajetórias profissionais quanto para sua formação pessoal. Além disso, os discentes têm a oportunidade de participar presencialmente de eventos relacionados à temática de seus artigos, representando não apenas a Escola Estadual Indígena Jula Paré, mas também a juventude Balatiponé. Dessa forma, contribuem para a promoção do conhecimento científico, a valorização dos saberes tradicionais e o fortalecimento da escrita acadêmica estudantil, que precisa ser devidamente reconhecida, sobretudo porque envolve jovens indígenas e quilombolas que desenvolvem pesquisas e produzem dados confiáveis para a sociedade.

O projeto Mais Ciência nas Escolas de Mato Grosso é inicialmente destinado aos estudantes do 9º ano e tem como objetivo principal fomentar o conhecimento nas

áreas das ciências exatas e da tecnologia – matemática, ciências, arte e engenharia. Trata-se de uma proposta educacional acessível à educação básica pública, promovendo experiências que articulam os conhecimentos científicos aos saberes tradicionais, com ênfase nas realidades locais. No caso da EE Indígena Jula Paré, o foco recai sobre a realidade vivenciada pela etnia Balatiponé.

A estrutura do projeto é orientada à promoção da pesquisa, da produção científica, do protagonismo estudantil e da autonomia intelectual. Destacam-se, nesse contexto, os laboratórios Markes, fornecidos pelo próprio programa, que oferecem aos estudantes não apenas a teoria, mas também a prática. Nesses espaços, há contato direto com equipamentos tecnológicos adquiridos para apoiar o desenvolvimento de pesquisas, experimentos e testes nas áreas contempladas, explorando as potencialidades e os interesses de cada aluno. Para muitos estudantes indígenas, o projeto representa a primeira oportunidade de acesso a tecnologias inovadoras, às quais provavelmente só teriam contato no ensino superior. Além da experiência acadêmica, os participantes podem ser contemplados com bolsas, o que reforça o incentivo à permanência e ao engajamento nas atividades propostas.

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar dois projetos atualmente implementados e em desenvolvimento na Escola Estadual Indígena Jula Paré, nos quais atuo como orientadora pedagógica. O objetivo específico consiste em compartilhar minha experiência enriquecedora adquirida ao longo de quase dois anos de atuação docente e de orientação pedagógica em nossa unidade escolar indígena.

Caminhos metodológicos

Sou Luciane Ipaqueri Quezo, tenho 28 anos, pertenço ao povo indígena Balatiponé. Moro na aldeia Umutina que se localiza no território indígena Umutina. Em seu arredor, possui dois rios, o Paraguai e o Bugre. Estamos próximos à cidade de Barra do Bugres (Monzilar, 2020), no estado de Mato Grosso na região Centro-Oeste, abrigando dois biomas nativos: o cerrado e o pantanal.

O território mato-grossense possui três biomas, contendo muitas diversidades em recursos naturais (Silva; Sato, 2010, p.261). O espaço para ser considerado território deve ser levado em consideração a presença de costumes, crença, saberes

tradicionais e cosmologia que estão interligadas com as áreas da identidade e cultura do povo (Haesbaert, 2002, p. 35).

Monzilar (2018, p.124) reforça a ideia,

[...] A Terra Indígena Umutina está localizada no centro norte do Estado de Mato Grosso, a 15km da sede do município de Barra do Bugres. O Território tem o formato de uma ilha fluvial e é protegido à direita pelo Rio Xopô (Bugres) e à esquerda pelo Rio Laripô (Paraguai). A área do Território Indígena é de 28.120 hectares.

Figura 1: O Território Indígena Umutina.



Fonte: Monzilar (2018).

Lévy (2002, p.153) explica o conceito de mapa:

[...] O mapa é um tipo de linguagem duplamente particular: de um lado, ele é um meio termo entre o simbólico puro (como a pintura abstrata ou os enunciados matemáticos) e o “figurativo” (fotografia, cinema) por outro lado, ele se opõe às linguagens sequenciais, posto que apresenta simultaneamente ao receptor o conjunto da informação.

Ipaqueri (2023, p.26) contribui para a discussão:

[...] Atualmente, pode-se contar quinze aldeias no Território Umutina (assim chamado legalmente): Aldeia Bakalana, Aldeia Massepô, Aldeia Cachoeirinha, Aldeia Uapô, Aldeia Amoroso, Aldeia Akorizal, Aldeia Águas Correntes, Aldeia Adonai, Aldeia Vale do Rio Bugres, Aldeia São José, Aldeia Ajukuita, Aldeia Katamã, Aldeia Barreiro, Aldeia Boropô e, a mais antiga, Aldeia Umutina.

Com o crescimento da população indígena Balatiponé, tornou-se necessária a criação de novas moradias, o que resultou na formação de outras aldeias dentro do

território Umutina. Essas novas formas de ocupação possibilitam não apenas a residência no território tradicional, mas também a continuidade das práticas culturais, dos saberes indígenas, dos costumes, das tradições e da agricultura sustentável – elementos que constituem a identidade do povo originário Balatiponé. Além disso, a presença constante nas aldeias fortalece a proteção do território frente a possíveis ameaças externas, como a invasão por grileiros e madeireiros ilegais.

Figura 2: Terra Indígena Umutina



Fonte: Luizinho Ariabo Quezo (2023)

O povo Balatiponé usufrui de maneira sustentável os recursos naturais disponíveis em seu próprio território, tais como os rios, o solo e diversas matérias-primas. Os rios abrigam uma ampla diversidade de peixes, que integram a base da alimentação tradicional, sendo preparados de diferentes formas, como assados ou moqueados. O solo, por sua vez, é utilizado para o cultivo de diversos alimentos que contribuem significativamente para a alimentação diária das famílias, promovendo o acesso a nutrientes essenciais ao bom funcionamento do organismo. Esses produtos, por serem orgânicos e livres de agrotóxicos, têm grande aceitação e demanda, sendo comercializados tanto dentro quanto fora das aldeias.

As matérias-primas extraídas do território são utilizadas principalmente na confecção de adornos artesanais e na construção de moradias. Esses recursos desempenham um papel fundamental na expressão cultural do povo Balatiponé, pois servem para a produção de objetos de embelezamento tradicional, bem como para a edificação dos lares familiares.

Na condição de mulher indígena e membro da Aldeia Umutina, represento minha etnia com orgulho. Após concluir o Ensino Médio, em 2013, iniciei, de forma autônoma, os estudos para ingressar no ensino superior. Após quase dois anos de preparação, fui aprovada, em 2017, no curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), localizada no estado de São Paulo. Minha mudança de Mato Grosso para a cidade de São Carlos exigiu intensa adaptação – especialmente em relação ao clima, marcado por invernos rigorosos e chuvas imprevisíveis –, além da difícil distância da família e do território de origem. Os primeiros meses de 2017 foram marcados por solidão e tristeza, mas o compromisso de retornar à aldeia como profissional formada para contribuir com meu povo sempre se manteve como motivação principal.

Concluí a graduação em 2023. Atualmente, curso o primeiro ano do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGCII), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tenho a honra de, desde 2024, atuar como professora na Escola Estadual Indígena Jula Paré, onde iniciei também minha trajetória como orientadora pedagógica.

Em 2025, acompanho diretamente uma estudante com deficiência e participo de dois projetos educacionais gerenciados pela professora Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira: a Olimpíada/Mostra Científica e o projeto **Mais Ciência nas Escolas de Mato Grosso**. Neste ano, desempenho a função de orientadora pedagógica da estudante bolsista Maíra Luana Alves Calomezoré, do 9º ano, participante do projeto Mais Ciência. Já em 2024, atuei na orientação de dois estudantes do 3º ano – Laynara Ipaqueri Quezo e José Hiago Calomezoré Uapodonepá –, ambos bolsistas do CNPq no âmbito da Olimpíada/Mostra Científica.

A estrutura deste artigo está organizada em três fases metodológicas. A primeira baseia-se no método materialista histórico-dialético, que busca compreender o contexto, a especificidade, a cosmologia, a organização social e as relações políticas

internas do território pesquisado. Conforme afirma Pires (1997, p. 86), “o método dialético que desenvolveu Marx, o método materialista histórico-dialético, é método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis”.

A segunda fase da pesquisa corresponde ao levantamento bibliográfico (Gil, 2017), com o objetivo de acessar e sistematizar os referenciais teóricos existentes no campo acadêmico, pertinentes à temática em estudo. Essa etapa contribui para a ampliação das discussões e para o aprofundamento conceitual acerca da relação entre território, cultura e identidade, articulando a produção científica às formas de conhecimento tradicional do povo Balatiponé.

A terceira fase adota a abordagem qualitativa (Minayo, 2011), que possibilita compreender como os fenômenos se manifestam dentro do território Umutina, considerando as vivências, práticas e significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa.

Quadro 1: Estudantes da EE indígena Jula Paré que foram orientados pedagogicamente pela docente Luciane Ipaqueri Quezo.

Laynara Ipaqueri Quezo – 3º Ano EM	O artesanato Java; Gastronomia – comidas e bebidas típicas do nosso povo Indígena Balatiponé.
José Hiago Calomezoré Uapodonepá – 3º Ano EM (2024)	Da cidade para a Aldeia: Relato de experiência de um estudante indígena Balatiponé. Publicado na revista GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES; Relato de experiência: Auxiliar de técnico no treinamento do time masculino escolar categoria B.
Maíra Luana A. Calomezoré - 9º Ano – EF (2025)	O uso da flor de mamão macho no tratamento do colesterol, dor de dente e diabetes, segundo o povo indígena Balatiponé

Fonte: Organização da autora (2025).

Resultados

A orientação dos projetos desenvolvidos com os estudantes foi pautada na produção de textos acadêmicos, com foco na escrita de artigos científicos. Esse processo envolveu atividades como correção ortográfica, técnicas de entrevista, registro fotográfico, indicação de leituras relacionadas à temática da pesquisa de cada aluno, além do auxílio na inscrição e submissão de trabalhos para eventos científicos.

As temáticas de pesquisa foram escolhidas pelos próprios estudantes, de modo que pudessem ser relacionadas à cultura indígena Balatiponé e às realidades vividas em suas comunidades. A partir da definição dos temas, organizamos, de forma colaborativa, um cronograma de estudos individualizado para cada discente, considerando suas especificidades, rotina escolar e demais compromissos. O planejamento respeitava o equilíbrio entre as atividades pedagógicas e o tempo de descanso dos alunos, valorizando sua saúde física e emocional.

Destacamos, com gratidão, o apoio da Escola Estadual Indígena Jula Paré, especialmente na pessoa do diretor Luizinho Ariabo Quezo, que viabilizou a infraestrutura necessária para o desenvolvimento dos trabalhos. Foram disponibilizados notebooks (Chromebooks) e uma sala adequada, o que permitiu a realização das atividades com conforto e dignidade. Esse suporte institucional foi fundamental para que os estudantes indígenas Balatiponé pudessem produzir seus artigos com autonomia, resultando em importantes contribuições para a escrita acadêmica estudantil indígena e fortalecendo a representatividade de nossa juventude nos espaços de produção científica.

Uapodonepá (2024, p.130) afirma que,

[...] A escola tem me ensinado a ser uma pessoa melhor; os professores incentivam seus alunos a perseguirem e realizarem seus sonhos. Sinto-me privilegiado por estudar nessa unidade escolar indígena, que é um lugar aberto para o diálogo, onde os alunos têm autonomia.

De acordo com Quezo (2024, p. 10), “a produção de artesanatos para nós, indígenas Balatiponé, é bem mais que um simples objeto tradicional; envolve saberes, respeito, técnicas e noções de etnomatemática.” A citação reforça a compreensão de que os processos culturais estão profundamente entrelaçados ao conhecimento indígena, extrapolando o aspecto material e assumindo um papel formativo e identitário.

Ao longo da trajetória profissional na Escola Estadual Indígena Jula Paré, vivenciamos experiências significativas e profundamente emocionantes. Acompanhar o percurso formativo dos estudantes, desde os anos finais do Ensino Fundamental (a partir do 6º ano) até a conclusão do Ensino Médio (3º ano), constitui uma vivência gratificante. Participar ativamente desse processo de ensino-aprendizagem,

articulando os conhecimentos acadêmicos aos saberes tradicionais indígenas, é uma forma concreta de contribuir para a formação de cidadãos intelectualmente preparados, protagonistas de suas próprias histórias e culturalmente enraizados na identidade Balatiponé.

Considerações finais

Início minha fala agradecendo a Haypuku, o Criador, pela vida e pela saúde. A Escola Estadual Indígena Jula Paré, pertencente ao povo Balatiponé, representa para nós uma segunda casa. Nela, incentivamos nossos estudantes, independentemente de sua faixa etária, a se dedicarem aos estudos e a acreditarem em seus sonhos. Entendemos que nossa atuação como docentes vai além do ato de ensinar conteúdos formais: em muitos momentos, somos também apoio emocional, ombro amigo, escuta sensível, desempenhando papéis que se assemelham aos de conselheiros e até mesmo psicólogos.

Embora eu ainda não seja mãe, sinto-me realizada e orgulhosa ao testemunhar o crescimento dos nossos adolescentes e jovens, que expressam o desejo de se tornarem médicas, advogados, atletas do vôlei e do futebol – mesmo diante da ausência de infraestrutura adequada, como quadra ou campo para a prática esportiva. Ainda assim, nossos alunos compreendem que, para alcançarem seus objetivos, é preciso dedicação, esforço e compromisso com os estudos.

Nosso território indígena é, antes de tudo, nossa primeira casa – solo sagrado, abundante em diversidade e riquezas naturais. Por isso, cuidamos da terra com o mesmo zelo com que um filho dedicado cuida de sua mãe. Este território abriga a ancestralidade do povo Balatiponé, preserva nossas tradições e os saberes milenares que nos constituem. Entendemos que este chão é herança transitória e que cabe a nós garantir sua preservação para as futuras gerações, que dele dependerão para sobreviver e dar continuidade à cultura indígena Balatiponé.

Referências

MONZILAR, Eliane Boroponepa. Narrativa da educação indígena e da educação escolar indígena: a escola e o ensino do povo Balatiponé-Umutina. **Revista Movimento**. Niterói, v. 7, n. 13, p. 63–91, maio/ago. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/download/63-91/pdf/149808> .
Acesso em: 22 jul. 2025.)

MONZILAR, Eliane Boroponepa. Território Umutina: vivências e sustentabilidade. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 14, n. 34, p. 122–143, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/7265> . Acesso em: 22 jul. 2025.

MONZILAR, Eliane Boroponepa. Foto 1: o território indígena Umutina. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 14, n. 34, p. 124, 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/7265> . Acesso em: 22 jul. 2025.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, p. 83–94, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wfR4dmSD/> . Acesso em: 22 jul. 2025.

QUEZO, Laynara Ipaqueri; QUEZO, Luciane Ipaqueri; Ipaqueri, Roseli Manepa. **Artesanato java segundo o saber povo indígena Balatiponé**. Barra do Bugres, p.10, 2024.

QUEZO, Luizinho Ariabo. Figura 2: Terra Indígena Umutina. Barra do Bugres, 2023.

SILVA, Regina; SATO, Michèle. Território e identidades: mapeamento dos grupos sociais do Estado de Mato Grosso – Brasil. **Ambiente & Sociedade**. Campinas, v. 13, n. 2, p. 261–281, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/FVKwPLNv46sD4ykgvxYqYKp/> . Acesso em: 22 jul. 2025.

UAPODONEPÁ, José Hiago; QUEZO, Luciane Ipaqueri; PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. **Da cidade para a aldeia:** relato de experiência de um estudante indígena Balatiponé. Barra do Bugres, p.130, 2024.

Recebido: 15/07/2025

Aprovado: 23/07/2025

Publicado: 31/08/2025